Encontros Teológicos adere a uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Reflexões teológicas sobre a esperança cristã

Theological reflections on christian hope

Renato Alves de Oliveira[*]
PUC-MG

Recebido em: *14/04/2025*. Aceito em: *11/06/2025*.

Resumo: *O artigo trata do tema da esperança cristã, apresentando inicialmente seus aspectos bíblicos e depois suas reflexões teológicas. O objetivo do artigo é demonstrar que a esperança cristã tem uma dimensão humana, comunitária, eclesial, cósmica e histórica. A esperança cristã é uma co-esperança porque o cristão para si, com os outros, com o mundo e com a história. O percurso metodológico demonstra como Escritura aborda o tema da esperança. Deus é o horizonte e o fundamento da esperança. No Novo Testamento, a esperança conquista uma configuração cristológica: o Deus da esperança se faz presente e se encarna em Cristo, a meta da esperança cristã. No plano teológico-sistemático, a esperança cristã é tratada na sua dimensão antropológica, comunitária, cristológica e escatológica. A esperança cristã tem um caráter pessoal, comunitária, cósmico e histórico. Cristo é fundamento da esperança cristã. Pela mediação de Cristo, a esperança cristã espera o futuro absoluto e pleno para o cristão, a Igreja e a criação. Em Cristo, o mundo presente se tornará um novo mundo. O artigo se conclui demonstrando a articulação entre as esperanças humanas, comunitárias, cósmicas e a esperança cristã.*

Palavras-chave: *esperança cristã; ser humano; sociedade; mundo e Deus.*

Abstract: *The article deals with the theme of Christian hope, first its biblical aspects and then its theological reflections. It demonstrates that Christian hope possesses a human, communal, ecclesial, cosmic, and historical dimension. Christian hope is a co-hope not only for oneself, but also for the others, the world and history. The methodological framework shows how hope is treated in the Scripture. God is the horizon and foundation of hope. In the New Testament, hope takes on a Christological configuration: the God of hope becomes present and incarnate in Christ, the source of Christian hope. At a theological*

* Doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor do Programa de Pós-graduação em Teologia Prática da PUC Minas
E-mail: praobh@yahoo.com.br.

and systematic level, Christian hope is approached in its anthropological, communitarian, Christological and eschatological dimensions. Christ is the foundation of Christian hope. Through the mediation of Christ, Christian hope longs for an absolute future of plenty for the Christians, the Church and creation. In Christ, the present world becomes a new world. The article concludes by showing the connection between human, communal and cosmic and Christian hope.

Keywords: *christian hope; the human being; society; the world; God.*

Introdução

O ser humano é a única criatura capaz de esperançar. Ele não "tem", mas "é" esperança. O ser humano espera de si, dos outros e do Outro. A esperança é o combustível que alimenta a vida humana. O ser humano caminha entre as esperanças que passam, porém com o olhar voltada para a Esperança que não passa. As esperanças autenticamente humanas também são cristãs. As esperanças humanas são alimentadas pela esperança cristã. Toda realização e toda conquista humana, social, cósmica e histórica consistem numa antecipação no presente da futura esperança cristã. As esperanças humanas estão orientadas para a esperança cristã e a esperança cristã já antecipada em todas as conquistas das esperanças humanas. A fé cristã espera uma vida plena e realizada para todo cristão. A esperança cristã promete um futuro absoluto e consumador para toda a criação. A perfeição da criação não está no início, mas no fim. A criação tem um destino escatológico. A criação atual deseja se tornar nova criação na qual toda criatura viverá na plena comunhão com Deus e com os outros. A criação espera um futuro consumador para todas as criaturas. O ser humano, a Igreja, o mundo e a história desejam participar da vida plena prometida pela esperança cristã.

O futuro esperado pela esperança cristã já deve ser construído no presente histórico. A esperança cristã não pode ser uma esperança futurista desconectada da esperança humana e nem do presente histórico. O presente deve ser valorizado como um aspecto constitutivo da esperança cristã. O que se deseja e se espera, para além prometido pela esperança cristã, já deve vivido no aquém da história. O desejo da cidade celeste não pode negligenciar a construção da cidade terrestre. A esperança cristã não pode isentar o ser humano de construir a realidade presente. O esperado para além, já deve ser vivido e construído no aquém. Uma esperança cristã que tem um rosto puramente futurista e espiritualista e que ignora o presente pode ser alucinógena.

O presente artigo apresenta os fundamentos bíblicos da esperança cristã, demonstrado sua dimensão teológica e cristológica. Depois, se

debruça sobre os aspectos teológico-sistemáticos da esperança cristã, mostrando sua dimensão antropológica, comunitária, cristológica e escatológica. Por fim, aponta que Deus é o horizonte da esperança cristã. Deus é o "lugar" e o "para onde" da esperança cristã.

1 Aspectos bíblicos

No âmbito bíblico, a reflexão sobre a esperança está ligada a uma noção de tempo linear e progressivo. Somente dentro de um contexto evolutivo, é possível esperar alguma coisa ou alguém. Dentro de uma noção cíclica, do tempo e da história, não é possível esperar, porque o que impera é o mesmo e o repetido. A esperança está relacionada com o ato ou o movimento e com o objeto esperado. No campo do ato ou movimento, a esperança está ligada com uma tensão do ser em relação a uma realidade futura. A esperança se conecta a uma realidade desejada que poderá acontecer futuramente. A esperança também pressupõe um ato de confiança no outro (Deus, ser humano). No campo do objeto, Deus é a realidade desejada pelo ser humano. O sujeito da esperança é o ser humano e o objeto é Deus. O horizonte último da esperança humana é Deus.

No Antigo Testamento, a esperança, na língua hebraica, significa "tensão para", "esperar", confiança e expectativa. Há uma conexão entre esperança e confiança. Para quem crê, esperar é um ato de confiança. A esperança acontece num contexto de promessa e de consolação. A tradição israelita compreende a esperança como uma espera plena de confiança no Senhor. A confiança e a esperança em Deus são a meta final do caminho. A esperança se expressa através de metáforas: a árvore, símbolo da vida (Gn 2,9; Pr 3,18), se torna uma imagem da esperança; a maternidade é símbolo de esperança; assim maldizer o dia do próprio nascimento com fizeram Jó (3,3-19) e o profeta Jeremias (20,14-18) se torna expressão de desespero. No campo finito, a esperança se dá numa compreensão do temporal, marcada por uma orientação linear e ordenada. Gn 1 apresenta a criação em sete dias de forma progressiva e apresenta o tempo como orientado e marcado pela benção divina. A história dos patriarcas e a história do povo de Israel, liberto da escravidão do Egito para entrar numa terra prometida, estão assinaladas por uma compreensão do tempo linear e orientada do tempo. As semanas, as estações e anos jubilares são inseridos no tempo linear que está orientado para uma direção e um sentido.

Os principais objetos da esperança bíblica são a terra e a descendência. A fecundidade e prosperidade são frutos da benção divina. Nos

dias de sofrimento, a esperança tem como objeto a cura (1Rs 20,1-11), o perdão (Sl 51; Sb 12,19), a paz (Jr 8,15) e a salvação. A salvação é compreendida como libertação dos inimigos (Sl 7,2), juízo e ressurreição do povo (Ez 37,1-14), persistência de um resto do povo (Is 10,20-21), retorno do exílio, reino de justiça e paz, frutos do conhecimento de Javé (Is 11,1-9). Na realidade, Deus é a "esperança de Israel" (Jr 14,8). A esperança é limitada pela história e pela vida humana de modo semelhante à espera de um rei-messias, Filho de Davi (Sl 132,17). A esperança tem caráter messiânico. "A esperança de Israel é uma esperança messiânica desde muito cedo e o Messias é um ungido, ou seja, um rei consagrado por Deus" (Bojorge, 1971, p. 71). Espera-se um ungido que será enviado por Deus para salvar e reconstruir a identidade do povo israelita. A fé messiânica e escatológica num futuro prometido por Deus tornou-se o coração da esperança israelita.

A esperança é teologal. A esperança tem uma orientação divina. A confiança em Deus é uma atitude concreta no plano pessoal e comunitário. Aquele que espera e confia em Deus vislumbra um futuro promissor. A esperança é gerada pelas promessas feitas por Deus. O ser humano se dirige a Deus, núcleo de sua esperança, invocando-o: "Ó esperança de Israel" (Jr 14,8). A esperança é relacional. O ser humano espera em Deus, ou seja, espera escutar sua palavra (Sl 27,7) ou vê-lo face a face (Sl 42,3; Jó 19,26-27). A fundamentação última da esperança veterotestamentária é Deus, com sua vontade gratuita e sua potência divina, que aniquila todo mal e toda injustiça presente na terra. Deus é a esperança que destrói o mal. O horizonte da esperança israelita é Deus. Há um porvir e uma esperança porque Deus existe. Deus é o nosso futuro. Trata-se de um Deus que criou o mundo, fez aliança com o povo eleito, ofereceu uma terra e enviou mensageiros (profetas, reis). A esperança bíblica tem nome: o Deus libertador e criador. O israelita crente espera em Deus e coloca nele a sua confiança. Espera em Deus e também nos bens que ele pode dar. "Israel aprende na escola de Javé a esperar o inesperado, em ver superada sua expectativa, ultrapassando sua esperança. Javé é sempre capaz de mais e melhor" (Bojorge, 1971, p. 72). Deus está sempre se superando. A esperança israelita tem uma dimensão comunitária: todo Israel espera em Deus. Essa dimensão comunitária encontra-se presente na intercessão de Abraão (Gn 18,17-33), de Moisés (Ex 32,11-14), dos profetas (Am 7,2-6; Jr 42,2-4) e de Jó (42,10).

A esperança é movida por uma razão. Esperar não é saber antecipadamente e nem prever. A esperança não tem prognóstico do porvir, mas

tem uma confiança de que o esperado se realizará. A criação é a primeira razão que motiva a esperança. O Deus que cria também elege e chama Israel. A história de Israel é marcada pela esperança no Deus libertador. O israelita aprendeu a ler a presença de Deus na história. Ele elabora uma memória desta história da salvação: promessas feitas aos patriarcas, alianças seladas com intermediários (Abraão, Noé e Moisés), saída da escravidão do Egito e libertação da Babilônia. Uma razão que funda a esperança é a palavra de Deus. Abraão, Moisés, Salomão e os profetas são revestidos por uma vocação que vem de Deus. O povo ou o rei podem se basear nas promessas feitas aos patriarcas (Ex 6,8; Dn 3,35-36) ou a Davi (1Rs 8,24-26; Sl 132,11-18). A esperança encontra fundamento também no presente. O Deus que agiu no passado continua atuando no presente. O profeta é alguém que anuncia um evento futuro em conexão com o presente. O germe do futuro está no presente. Todas as razões da esperança têm sua fonte em Deus: "Dele vem a minha esperança" (Sl 62,6). O caráter dinâmico do objeto da esperança veterotestamentária, que está continuamente se transcendendo e fazendo acreditável para além das fronteiras do inacreditável, transpondo o passado e projetando-o para o futuro, é um antecedente da esperança cristã (Meis, 2010, p. 1327-1330).

No Novo Testamento, a esperança bíblica continua com um horizonte teologal, tornando-se sinônimo de uma entrega total e confiante do ser humano nas mãos de Deus, sendo vista como um elemento estrutural da vida cristã. A esperança teologal ganha um conteúdo cristológico. Os evangelhos são o anúncio do bem que era esperado na economia do Antigo Testamento. O que era esperado como futuro tornou-se uma realidade presente e viva em Jesus Cristo. O Messias era o bem que o povo esperava e que os profetas tinham anunciado. Jesus Cristo não é visto somente como o sujeito que espera, mas também como o conteúdo da esperança cristã. A oração de Jesus demonstra uma esperança em ato. Jesus é chamado a esperar "contra toda esperança" (Rm 4,18). Jesus experimenta a crucifixão e a morte na esperança de ser ressuscitado pelo Pai na força do Espírito Santo. Jesus espera em Deus. A morte não tem a última palavra sobre sua vida porque o Pai o ressuscita. A "esperança na ressurreição dos mortos não significa consolo barato e também não pode ser entorpecente que faz com que os homens esqueçam a sua miséria atual. É uma esperança que está em pleno processo de cumprimento" (Brakemeier, 1971, p. 88). A esperança na ressurreição não revela a crença num evento futurista por parte de Jesus, mas a confiança em Deus que é capaz de vencer a morte. A crença na potência de Deus faz Jesus

Cristo esperar sua glorificação para além da morte. A esperança de Jesus é uma esperança para os outros: para a humanidade, para o Pai e para a comunhão de amor entre ele, o Pai e a humanidade.

O tempo linear e orientado do Antigo Testamento ganha concretude no Novo Testamento na vida de Jesus, na sua encarnação, paixão, morte e ressurreição. Em Jesus, se realizam as promessas e as esperanças do povo, conforme a proclamação de vários personagens: Simeão que esperava a consolação de Israel (Lc 2,25); Ana falava do menino a todos que esperavam a redenção de Jerusalém (Lc 2,38); José de Arimateia que esperava o reino de Deus (Lc 23,51). Jesus o proclama depois da leitura do texto de Isaías, anunciando a boa nova aos pobres, aos prisioneiros, aos cegos e aos oprimidos: Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que vocês escutaram (Lc 4,21). Com os seus atos, Jesus coloca em ação esta palavra. Jesus é o próprio Messias, aquele que deve vir e não é necessário esperar um outro (Lc 7,19-20).

Os evangelhos mostram que muitas pessoas recorriam a Jesus na esperança de obter a cura para si (Mt 8,1-4; Lc 18,35-43) ou para os outros (Mt 9,1-7; Lc 7,1-10). A esperança de uma vitória sobre a morte, vislumbrada no Antigo Testamento, se realiza em Jesus. A ressurreição é o triunfo da esperança sobre o desespero da morte. Jesus é o fundamento da ressurreição dos mortos. É possível esperar a ressurreição dos mortos, porque Cristo ressuscitou como primícias dos que dormem (1Cor 15,20). Os cristãos esperam a vinda gloriosa de Jesus Cristo e a realização do juízo. A parusia de Jesus Cristo foi esperada como próxima (1Ts 4,15-17) e depois foi vista como um evento cuja realização não se sabe (Mt 24,39). Porém, trata-se de uma vinda que deve ser esperada como iminente.

> *O Cristo ressuscitado e glorioso que há de voltar é o objeto da esperança do cristão e por sua vez o Cristo vivo na fé é o fundamento do que será alcançado plenamente um dia. Na esperança cristã, o fundamento e o objeto da esperança se identificam: a fé é a substância dos objetos esperados e o fundamento dos invisíveis* (Bojorge, 1971, p. 75).

A esperança tem um conteúdo soteriológico. A salvação personalizada e presentificada em Cristo é o coração da esperança cristã. Em Jesus Cristo, a esperança da salvação está acontecendo. A esperança na salvação supõe uma transformação total do ser humano, dilacerado pelo pecado, pelo sofrimento e pela morte. "Salvação significa que o homem pecador é transformado novamente em criatura e filho de Deus. Salvação significa restauração da soberania de Deus Pai e criador" (Brakemeier,

1971, p. 87). Deus é o sujeito que salva e o objeto esperado na salvação. A esperança consiste em ser salvo por Deus e estabelecer uma comunhão com ele. A esperança salvífica passa pela mediação de Jesus Cristo. A salvação tem uma dimensão cristológica. A salvação é expressão da comunhão com Cristo. Ser salvo é ser-com-Cristo. Por isso, Jesus Cristo é a "nossa esperança" (1Tm 1,1). A esperança no Novo Testamento tem um aspecto relacional, referindo-se a Deus ou a Cristo. A esperança é vivida na confiança da fé. Há uma articulação entre a fé, a esperança e a caridade (1Ts 1,3). A fé sem esperança é vazia e sem consistência. Não pode haver esperança sem a fé em Cristo. A esperança neotestamentária, assim como a veterotestamentária, tem uma dimensão comunitária. Ela é orientada para o povo de Israel, para os cristãos e para a criação (Rm 8,18-25). A salvação ainda não se cumpriu na sua dimensão escatológica, pois ela açambarca toda a realidade. A esperança da salvação escatológica tem uma dimensão antropológica, comunitária e cósmica. A salvação já é uma realidade operante pela mediação do advento de Cristo, mas ainda não consumada na sua dimensão escatológica.

No Novo Testamento, Jesus Cristo é a razão da esperança. A esperança cristã é esperar com e em Cristo. A razão da esperança cristológica tem um conteúdo trinitário: "a esperança não decepciona porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5). A esperança como uma espera confiante e segura da salvação prometida por Deus é um dom do Pai. Ela é a graça de Deus oferecida em Jesus Cristo e tem um caráter cristológico e trinitário. A esperança em Cristo tem uma dimensão trinitária. Esperar com uma pessoa divina da trindade é esperar com toda a trindade. Quem espera em Cristo, espera no Deus trino. Jesus Cristo é a firme esperança da salvação: "A esperança, com efeito, é para nós qual âncora da alma, segura e firme, penetrando para além do véu, onde Jesus entrou por nós como precursor" (Hb 6,19) (Meis, 2010, p. 1330-1332).

2 Reflexões teológicas

2.1 Dimensão antropológica

O ser humano é uma realidade inconclusa que está orientada para o futuro. Ontologicamente, o ser humano não "é" e nem se constitui de forma plena, mas trata-se de uma grandeza que busca cumprimento e plenitude. O ser humano é uma magnitude chamada a ser. Ele é chamado

a transcender sua natureza dada. Ele está vocacionado a se realizar de forma plena como pessoa. É um ser capaz de porvir. Não é uma realidade hermética, mas aberta ao futuro e ao advento. É uma realidade adventícia que ainda não "é" totalmente, mas se tornará. O ser humano é um ser voltado para o horizonte, para o infinito e para o ser-mais. O ser humano

> *experimenta dentro de si um insaciável dinamismo para um crescimento ilimitado para além de todas as concretizações transitórias, para o novo, o abscôndito e eterno. Sente ser alguém que deve ser esperado. Esse dinamismo abscôndito no fundo do coração humano chamamos esperança ou princípio-esperança* (Zilles, 1972, p. 31).

O verdadeiro ser humano ainda não nasceu e nem aconteceu de forma realizadora. O ser humano é capaz de esperançar. A esperança o atira para o futuro, para o que ainda não existe. A esperança dinamiza a vida do ser humano e a mantém em tensão aberta para o futuro. A predisposição para a esperança está presente na própria estrutura humana. A esperança não é uma realidade marginal, mas está radicada na profundidade da vida humana. O ser humano "não só tem esperança, mas é um ser de esperança" (Kasper, 1980, p. 15). A esperança não está relacionada propriamente com o "ter" do ser humano, mas com o seu "ser". A esperança seria ilusória caso ela fosse considerada somente no âmbito do "ter". Porém, para ser autêntica, a esperança deve ser considerada no plano do "ser". A esperança está profundamente arraigada no plano ontológico do ser humano. A "esperança de ser e de ser mais precisa afirmar-se incessantemente contra a angústia de perder-se e de não ser" (Macdowell, 1971, p. 47). Viver sem esperança é correr o risco de precipitar no desespero. Uma vida sem esperança não vale a pena ser vivida. Cessar de esperar é cessar de viver. Um eclipse na esperança causaria um colapso na vida do ser humano.

O ser humano é perpassado por uma inquietude radical que não o deixa repousar sobre aquilo que ele já é, mas o faz desejar sempre mais. O ser humano tem um desejo de plenitude ontológica. Ele vai se desenvolvendo rumo a um crescente desejo de realização. É marcado por um dinamismo orientado para o futuro. Enquanto ele vive, ele aspira, espera e se projeta. "O homem não é um ser acabado, completo, mas um ser que existe como projeto, um ser de futuro. O homem se realiza em sua abertura para o futuro" (Politi, 1995, p. 33). Seu desejo de ser sempre mais demonstra a tendência fundamental para o futuro. O ser humano conduz sua existência como uma realidade marcada pela esperança. É

um projeto chamado à realização. Assume seu passado, sua memória e concebe seu presente como uma janela aberta para o futuro. As possibilidades do futuro estão latentes no presente. O ser humano tem os pés fixos no presente, porém com o olhar voltado para o futuro.

> *O futuro é a realidade esperada, é onde pode estar a plenitude do presente. O momento presente é pro-vocativo porque o homem depara com a possibilidade de realizar e a incapacidade de concluir a tentativa, então o amanhã aparece como aquele que pode ser construído a partir do hoje. Assim, o homem no hoje se responsabiliza pelo amanhã, pelo futuro* (Fleig; Bins, 1974, p. 94).

O futuro diz respeito àquilo que é não conhecido previamente. Trata-se daquilo que não pode ser dominado e nem manipulado. Não é possível fazer um prognóstico sobre o futuro. "Se o futuro tem um sentido para o homem não é pelo que este futuro possa significar de incalculável e indisponível, mas pelo que pode oferecer de novo" (Moltmann, 1971, p. 424). O futuro consiste no desconhecido e no novo que, porém, está continuidade em com o presente. O futuro não trata daquilo que é certo e nem preciso, mas possível. Porém, trata-se de um possível que é capaz de preencher os anseios humanos.

O ser humano é um ser grávido de esperança porque sempre está na sentinela esperando o que vai chegar. Nenhuma decisão tomada no âmbito terreno é capaz de plenificar o ser humano. Nenhuma conquista terrena é capaz de dar um acabamento e uma finalização na vida do ser humano. Na medida em que ser humano conquista um bem finito já o supera desejando outro. O desejo humano é sempre superado por outro. Suas esperanças finitas e terrenas são sempre superadas. Nenhum bem ou conquista puramente mundana plenifica o ser humano. "A ação do homem sobre o mundo leva pois em sua dialética interna a impossibilidade de uma plenitude intramundana do homem; sua aspiração fundamental a ser-mais-si-mesmo não pode ser definitivamente realizada dentro do horizonte do mundo" (Alfaro, 1972, p. 19). A esperança do ser humano tem caráter transcendente. Trata-se de um caráter da esperança que não pode ser preenchida simplesmente com as conquistas e os bens terrenos. As decisões e as escolhas preenchem provisoriamente o ser humano. O aspecto transcendente da esperança do ser humano ultrapassa as atuais realizações mundanas. "A esperança humana vai sempre além todas as suas esperanças; seu futuro transcende inevitavelmente todas as realizações concretas" (Alfaro, 1970, p. 1121).

O aspecto transcendente da esperança humana não admite esperar por um futuro definitivo para o ser humano, o mundo e a história que seja puramente imanente. A esperança humana não espera por um futuro simplesmente temporal e horizontal. O ser humano caminha orientado para o horizonte e espera algo sempre maior do que realizações simplesmente temporais. Por isso, nenhum objetivo puramente mundano, quando alcançado, o satisfaz. O ser humano deseja sempre mais. Ele é projeção, movimento e advento. Os recursos finitos não satisfazem o seu desejo de infinitude. A esperança humana não pode ser satisfeita de forma plena com as realizações e os recursos puramente terrenos. A "esperança nunca termina porque seu verdadeiro objeto nunca será possuído" (Libanio, 1989, p. 180). A saciedade da esperança, em seu caráter definitivo, não pode ser preenchida com realizações puramente temporais. Existe uma defasagem entre realidade alcançada e a realidade desejada. Há no ser humano um impulso para um progresso indefinido que só pode ser preenchido por uma Realidade Última. A promessa de um futuro puramente intramundano e intra-histórico representaria uma frustração com o desejo de plenitude presente no ser humano. "O futuro para o qual o homem tende não pode ser nenhum futuro intramundano, não pode ser algo que construa com suas mãos, mas um futuro-plenitude, imprevisível, improjetável" (Politi, 1995, p. 36). Um futuro puramente imanente não satisfaz o sentido último do ser humano. A negação de um futuro transcendente e a consequente afirmação de um futuro puramente imanente terminaria numa decepção da esperança.

O ser humano é um ser mundano que transcende o mundo; um ser temporal que transcende o tempo; um ser histórico que transcende a história; um ser mortal que transcende a morte. Encontra-se latente no ser humano a aspiração a ser mais-si-mesmo. Isso o possibilita perceber que todo resultado de sua ação concreta no mundo não o realiza de modo pleno. Por isso, o ser humano experimenta uma autossuperação permanente. O futuro definitivo e transcendente não pode ser objeto de uma conquista do ser humano. O mundo, a história e o ser humano progridem rumo a um futuro transcendente. A esperança humana espera por um futuro absoluto que contemplará também a história, o mundo e a humanidade. O ser humano espera para si mesmo, mas em comunhão com a história, o mundo e a humanidade. O aspecto transcendente da esperança confia que o futuro absoluto será uma realidade nova, mas estará em sintonia e continuidade com o presente. As esperanças provisórias do presente são uma preparação e estão em comunhão com a esperança futura.

> *O homem, na sucessão dos dias, tem muitas esperanças – menores ou maiores – distintas nos diversos períodos da sua vida. Às vezes pode parecer que uma destas esperanças o satisfaça totalmente sem ter necessidade de outras. Na juventude pode ser a esperança do grande e fagueiro amor; a esperança de uma certa posição na profissão, deste ou daquele sucesso determinante para o resto da vida. Mas quando estas esperanças se realizam, resultam com clareza que na realidade isso não era totalidade. Torna-se evidente que o homem necessita de uma esperança que vá mais além. Vê-se que só algo infinito lhe pode bastar, algo que será sempre mais do que aquilo que ele alguma vez possa alcançar* (Bento XVI, 2007, p. 56-57).

A esperança é uma dimensão transcendental da existência humana. Ela encontra-se inscrita na estrutura fundamental do ser humano como espírito finito.

O ser humano não pode alcançar um futuro definitivo, por si mesmo dentro da história, porque ele possui uma aspiração de um porvir que está sempre mais além de todas as realizações intramundanas. "O ser não faz o seu porvir: recebe-o além de todas as previsões" (Comblin, 2010, p. 22). O porvir definitivo não será conquistado pelo ser humano, mas lhe será entregue como dádiva divina. O ser humano não pode ficar circunscrito e fechado a possibilidade de um futuro imanente, mas deve se abrir a possibilidade de um futuro definitivo e absoluto que só pode ser recebido como dom. A plenitude definitiva para o ser humano, o mundo e a história só pode ser alcançada como graça. O sentido último da vida humana, do mundo e da história só pode ser preenchido por Deus. "A esperança não é algo alheio ao ser humano como tal; é justamente a máxima possibilidade do homem: a possibilidade de realizar-se em sua plenitude, abrindo-se ao Outro" (Politi, 1995, p. 29). A esperança, em seu fundamento transcendente, está orientada para Deus. O nome de Deus é Esperança. A esperança humana espera por uma realidade fundamental que a plenifique. A esperança humana tem um desejo de plenitude e realização. "Em sua ilimitada aspiração a ser mais-si-mesmo e a realizar indefinidamente a história, o homem vive a si mesmo como levado por uma esperança, cujo cumprimento supera seu próprio poder" (Alfaro, 1972, p. 31). Somente Deus pode satisfazer o desejo ilimitado do ser humano de ser plenamente si mesmo.

2.2 Dimensão comunitária

A esperança não tem um aspecto puramente individual e existencial, mas também comunitário. O ser humano não espera somente para si,

mas com o outro e para o outro. A esperança é sempre uma co-esperança. A esperança de um futuro definitivo é uma realidade esperada por todos os seres humanos. Devo esperar para mim, devo esperar para o outro e outro para mim: devemos esperar para nós. Eu espero junto com a humanidade e a sociedade. Há uma comunhão e uma unidade na esperança. O ser humano, a humanidade e a sociedade desejam transformar o mundo em vista de um porvir transcendente que abarcará a todos. O discurso da esperança não permite que ninguém espere um futuro absoluto somente para si, de forma egoísta, mas também para os outros. A "autêntica esperança é sempre um esperar para nós, pois o que espero para mim é em bem do outro" (Macdowell, 1971, p. 52). A esperança verdadeira rompe com os limites de uma esperança puramente individual. A esperança está orientada para um horizonte amplo que contempla a humanidade e a sociedade. A esperança não diz respeito somente ao destino individual do ser humano, mas também da humanidade e da sociedade. O futuro da humanidade comporta a participação de todos e cada um. É toda a realidade que marcha em vista da esperança de um futuro definitivo. A esperança é universal e intersubjetiva. Geralmente, ela se refere mais a alguém do que à alguma coisa. "Há esperança não só para mim, mas também para aquele em quem espero. Podemos dizer: eu espero em ti, por nós e para nós. A esperança surge e se realiza na intersubjetividade que só é possível na disponibilidade ao outro" (Fleig; Bins, 1974, p. 95).

A esperança não é uma oferta somente no campo antropológico e sociológico, mas também cósmico e histórico. Como o ser humano não leva uma vida de fechamento em si mesmo e nem de fuga do mundo e nem da história, mas de ser-com os outros e de ser inserido na realidade, logo, a esperança tem uma dimensão universal, cósmica e histórica. Como o ser humano é um ser social, cósmico e histórico, logo, deve esperar junto com o mundo e a história e ambos não progridem de forma aleatória para o caos, mas rumo a um futuro absoluto. A esperança humana é solidária com o mundo e a história. O ser humano, a sociedade, o mundo e a história caminham de mãos dadas rumo a um futuro realizador. Uma esperança que prometesse um futuro absoluto somente para o ser humano e deixasse de fora o mundo e a história seria injusta e individualista. Também, a esperança cristã não espera somente para o ser humano, mas para o mundo e a história. O mundo e a história foram assumidos na dinâmica salvífica de Cristo. O mundo e a história estão progredindo na direção de um desígnio escatológico. Assim, a história está orientada rumo a um destino meta-histórico e o mundo está

orientado para um destino definitivo no qual se tornará um novo mundo e uma nova criação. "A esperança cristã, para ser fiel ao seu fundamento cristológico, não só não é alheia à realidade histórica e cósmica, mas integra esta realidade na tensão escatológica rumo aos nos novos céus e à nova terra" (Cozzoli, 1991, p. 266).

A esperança cristã tem uma dimensão eclesial. A teologia medieval e pós-tridentina ignorou a dimensão comunitária e eclesial da esperança cristã. A preocupação estava voltada para o destino individual do ser humano e mais propriamente da sua alma. O período medieval e o posterior assistiram um declínio das realidades comunitárias da escatologia cristã. Havia uma preocupação em torno da salvação do ser humano, porém desconectada de sua relação com a Igreja, a sociedade, o mundo e a história. A visão individualista da esperança cristã medieval está em desarmonia com a dimensão comunitária e eclesial da esperança do Novo Testamento. A Igreja se apresenta como comunidade dos que creem em Cristo e esperam sua manifestação definitiva no final dos tempos (1Cor 8,6; 12,3; 16,22). "A Igreja é uma comunidade de esperança" de modo que "compreende a si mesma como sacramento de esperança para o mundo" (Kasper, 1980, p. 42). A Igreja primitiva tinha um acento fortemente escatológico. Era oxigenada pela esperança da parusia de Cristo. A Igreja é a comunidade que peregrina rumo à plenitude escatológica no seu encontro definitivo com Cristo glorificado (Hb 9,28; 1Ts 4,17). A esperança cristã é coletiva e dirigida a todos os cristãos. A Igreja não espera somente para alguns, para uma comunidade de cristãos moralmente perfeitos, mas espera para todos. "A esperança cristã é comunitária porque é eclesial. O cristão não espera com sua esperança: uma esperança privada. Mas com a esperança da Igreja. Ela é por si mesma uma esperança de todos" (Cozzoli, 1991, p. 265). Por isso, o cristão não pode se fechar numa profissão individualista da esperança, mas deve ser consciente de que espera para todos.

O texto mais importante do Novo Testamento sobre a dimensão comunitária da esperança cristã se encontra em Ef 4,4-6: "Há um só corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos". A Igreja é um corpo ao qual são incorporados os batizados. Os cristãos caminham orientados por uma só esperança que consiste na vocação comum e solidária de todos. A esperança comum dos cristãos é o encontro definitivo com Cristo. O fundamento da esperança cristã está em Cristo. A esperança, que une os cristãos entre si e que constitui

uma unidade com a Igreja, é Cristo. O encontro definitivo com Cristo será expressão de uma comunhão trinitária, porque quem encontra com o Filho também encontra com o Pai e o Espírito Santo. A trindade é pátria para a qual a Igreja está orientada. A unidade da Igreja é constituída pela comunhão de todos na mesma fé e na mesma esperança: comunhão de vida com Deus por Cristo no Espírito. A Igreja é ícone da trindade e está orientada para a pátria trinitária.

A esperança cristã "não é meramente pessoal, mas essencialmente comunitária; une entre si os cristãos em sua relação comum com Cristo. É uma esperança de todos e de cada um para todos porque nela todos e cada um entram em comunhão de vida com Cristo pelo mesmo Espírito" (Alfaro, 1972, p. 118). A esperança cristã consiste numa forma de esperar para si, com todos e para todos. Por isso, para a fé, por exemplo, a salvação e a ressurreição são acontecimentos comunitários. A salvação e a ressurreição acontecerão quando toda a Igreja escatológica estiver toda reunida. A Igreja é a comunidade unificada em Cristo e sustentada pelo Espírito Santo na unidade da fé, da esperança e do amor. A Constituição Lumen Gentium do Vaticano II afirma que "Cristo estabelece e continuamente sustenta sobre a terra, como uma estrutura visível, sua santa Igreja, comunidade de fé, esperança e amor por meio da qual difunde em todos a verdade e a graça" (Denzinger, 2007, n. 4118, p. 926). A Igreja é comunidade dos que esperam um futuro escatológico. A esperança não tem uma característica puramente individual, mas também eclesial. O cristão espera com a Igreja. O cristão espera a salvação em Cristo pela mediação da Igreja. O cristão, além de esperar a própria salvação, também espera a salvação de todos os seres humanos.

> *A nossa esperança é sempre essencialmente também esperança para os outros; só assim é verdadeiramente esperança também para mim. Como cristãos não basta perguntarmos: como é possível salvar-me a mim mesmo? Devemos antes perguntar-nos: o que posso fazer a fim de que os outros sejam salvos e nasça também para eles a estrela da esperança? Então terei feito também o máximo pela minha salvação pessoal* (Bento XVI, 2007, p. 92-93).

Com o termo "salvação", não se espera uma salvação somente da alma do indivíduo, nem só da humanidade, mas se está falando de uma salvação do ser humano todo, da comunidade humana e da realidade toda. A Igreja é a comunidade dos que caminham unidos na esperança e no amor rumo à promessa de salvação feita por Deus em Cristo.

A Igreja primitiva era vivamente perpassada pela esperança escatológica. A esperança de encontrar com Cristo glorioso na parusia animou e dinamizou a Igreja das origens. A esperança era a seiva que alimentava a Igreja primitiva. O processo de esfriamento de sua esperança escatológica começou quando a Igreja foi acolhida no Império Romano, no século IV, tornando-se uma Igreja estatal. "A tensão escatológica foi atenuada pelo fenômeno da constantinização. A Igreja, prestigiada oficialmente, por fim livre das condições de comunidade estigmatizada e perseguida, cede ao pensamento de que é chegado o fim dos tempos" (Morais, 1971, p. 93). A Igreja passou de comunidade perseguida à religião instituída do Império Romano. O fato de o cristianismo ter sido decretada religião oficial desse Império o fez alcançar uma zona de conforto, ocasionando um resfriamento na sua esperança escatológica. A dinamização que animava a Igreja das origens cedeu lugar ao imobilismo e ao conforto. O obscurecimento da esperança escatológica fez com que a Igreja buscasse segurança na ordem social e política estabelecida. Uma Igreja estabelecida na sociedade não vai se interessar pela esperança na parusia de Cristo. Assim, a Igreja permaneceu, durante muito tempo da sua história, voltada mais para si mesma como instituição eclesial do que para a esperança que anunciava. A Igreja estatal promoveu uma desescatologização da esperança cristã.

2.3 Dimensão cristológica

A esperança cristã está fundamentada em Cristo. Ele é a fonte, a força e a meta da esperança cristã. O Deus da esperança se fez esperança sensível e acessível à humanidade através de Cristo. A esperança cristã está em sintonia com a dimensão antropológica e comunitária da esperança. A vida cristã é uma convocação à esperança. A fé cristã é um convite à esperança pela mediação de Cristo. O "próprio da esperança cristã não é algo, mas Alguém; Cristo é, na verdade, nossa esperança; e isso num duplo sentido: ele é o fundamento e a meta do esperar cristão" (Ruiz de la Peña, 1989, p. 176). O horizonte da esperança cristã é Cristo. O futuro de Deus tem caráter cristológico. Em Cristo, Deus se faz esperança para o ser humano. A encarnação do Verbo deu início ao tempo da esperança. A esperança cristã tem como fundamento o ato supremo de graça que Deus revelou e cumpriu em Cristo. O tempo da esperança, inaugurado com a encarnação, se tornou pleno com a ressurreição de Cristo. A encarnação, morte e ressurreição de Cristo consiste no fundamento da esperança cristã. Através da encarnação do Verbo, a esperança do destino humano está decretada: participar do ser de Deus, ou seja, a divinização. O futuro

escatológico consiste na esperança da participação da humanidade, do mundo e da história no ser de Deus. Em Cristo, o futuro escatológico está determinado: a consumação na comunhão com Deus. Cristo não é apenas sujeito de esperança, mas também o conteúdo da esperança cristã. "Que Cristo não seja somente o mediador da salvação, mas a própria salvação, é o conteúdo e o objeto da esperança" (Vitali, 2001, p. 320). Cristo é a nossa esperança, sendo sujeito de esperança em nós e objeto de esperança para nós. A esperança atravessa toda a vida de Jesus e se manifesta no seu modo de afrontar os poderes do mal (o pecado, a morte, o sofrimento) e não ceder às suas investidas (tentações), confiando no Deus que tem poder sobre o maligno. Por isso, "Cristo, para a esperança, não é só consolo em meio à dor, mas também o protesto da promessa de Deus contra o sofrimento" (Moltmann, 2005, p. 36).

A esperança de Jesus Cristo se manifesta no reino de Deus. O conteúdo da pregação de Jesus é o reino de Deus. Em Jesus Cristo, o reino de Deus já se encontra presente e atuante. O reino de Deus já está em ação em Cristo, mas ainda não está consumado escatologicamente. Jesus Cristo acreditava no advento do reino de Deus, que consistia na ação de Deus na história. A esperança de Jesus se manifesta e se concretiza no reino de Deus. As curas e os milagres realizados por Jesus Cristo são sinais que o reino de Deus chegou e está acontecendo. "A esperança cristã está fundada no anúncio do reino de Deus por Jesus. O reino de Deus já está presente e a própria vida de Jesus mostra essa presença" (Comblin, 2010, p. 17). Se o reino de Deus é o conteúdo da esperança de Jesus Cristo e como ele é o reino personalizado, logo, ele mesmo é a tradução da esperança cristã. Assim como Jesus Cristo e o reino de Deus são sinônimos, logo, nas ações de Jesus a esperança do reino de Deus já está em ação.

Cristo é o *eschaton* (o último e o definitivo) em si mesmo e para si mesmo. Sua existência escatológica na história estava destinada a transcender a história. A história é assumida e transcendida em Cristo. A presença de Cristo na história inaugurou o tempo escatológico. Cristo é o evento escatológico que dá início ao tempo da esperança, colocando o ser humano, o mundo e a história na direção do definitivo. O futuro da esperança cristã não é um horizonte vazio e nem consiste num esperar distante e indefinido, mas se espera uma plenitude definitiva para o ser humano, o mundo e a história. Cristo é o "*eschaton* para nós e para a história. Sua presença na história representa o começo da plenitude da história. Nele, por ele e com ele, a humanidade é chamada a participar de

sua vida gloriosa no mais além da nossa temporalidade intramundana" (Alfaro, 1972, p. 38). O conteúdo da plenitude definitiva não será uma realidade estática e puramente contemplativa, mas ativa e interativa. O encontro com Cristo na consumação escatológica será um momento de graça e de comunhão. Cristo é o objeto escatológico esperado pela fé cristã. Em Cristo, a esperança escatológica já está presente e atuante na história. Cristo é a Palavra definitiva de Deus que chama à definitividade o ser humano, o mundo e a história. As portas da esperança se abrem para a humanidade com o advento de Cristo na história. O ser humano já vive sob o horizonte do escatológico. "O passado cristológico revela-se para o homem e para o mundo, como um futuro definitivo e, portanto, escatológico. A páscoa é e será para sempre, uma fonte de fecundidade para a esperança cristã" (Piazza, 2004, p. 81). O futuro escatológico prometido por Deus já se faz presente na história pela mediação de Cristo, mas ainda não está consumado de forma definitiva. Assim, a esperança não é somente uma esperança futura, mas já está em ação na história. O cristão já se encontra sob o regime dos tempos derradeiros.

A ressurreição de Cristo é, para o cristão, cumprimento e promessa, acontecimento definitivo de reconciliação da humanidade pecadora e garantia da salvação. Se o Pai não ressuscitasse o Filho na força do Espírito Santo, a esperança cristã seria frustrada e naufragaria. A ressurreição de Cristo é a confirmação de que a esperança cristã é autêntica. A ressurreição como vitória pascal da vida sobre a morte é a resposta de Deus à esperança de Cristo. A ressurreição é a resposta de Deus diante da morte de Cristo, sendo a realização da esperança como dom salvífico do Pai à esperança do Filho. "A ressurreição de Cristo não é resultado do devir da história, mas dom absoluto e imprevisível do poder criador de Deus. Crer na realidade deste acontecimento é um ato de confiança absoluta no poder de Deus; é crer esperando contra toda esperança" (Alfaro, 1972, p. 172).

A fé cristã compreende a ressurreição como a inauguração do futuro absolutamente novo e imprevisível porque é o futuro de Deus, que consiste em um futuro que o ser humano não pode construir, mas somente esperar. A esperança escatológica não consiste em uma esperança que o ser humano manipula ou fabrica, mas que ele espera. A fé na ressurreição de Cristo e a esperança na sua manifestação gloriosa é expressão da confiança no Deus que ressuscita os mortos. O Cristo ressuscitado se manifestará de forma gloriosa na sua parusia, no final dos tempos, consumando o ser humano, o mundo e a história.

O Deus, que ressuscitou o Filho do reino dos mortos, também ressuscitará os que pertencem a ele. Através da ressurreição de Cristo, a esperança cristã já é começo e antecipação da plenitude de vida que o crente receberá na ressurreição, no final dos tempos. O futuro escatológico já está agindo no presente histórico. "A esperança na ressurreição de Cristo introduz o futuro de Deus no presente e converte assim o presente em história" (Moltmann, 1971, p. 427). O Deus que salvou o seu Filho da morte inaugurou o tempo de salvação para toda humanidade. A esperança cristã é uma esperança salvífica. A esperança cristã faz uma oferta de salvação para o ser humano, o mundo e a história. A salvação não é uma oferta seletiva e nem aristocrática, mas democrática, includente e universal. A esperança cristã espera a salvação futura por meio da definitiva revelação de Cristo glorificado; ela confia na promessa de Deus realizada em Cristo; ela não vacila diante das perseguições, mas se mantém firme na promessa divina. A esperança cristã não espera uma autossalvação, através das obras, mas uma hetero salvação por meio de Cristo. A salvação não é uma oferta, em razão dos méritos do ser humano, mas um ato da graça de Deus que se dá pelos méritos de Cristo. A esperança cristã espera uma conversão e uma transformação espiritual do ser humano ao Deus da graça e do perdão.

A esperança cristã se apoia na promessa de Deus cumprida e revelada em Cristo. A promessa salvífica de Deus realizada em Cristo tem caráter antecipador da salvação futura esperada para o ser humano e o mundo. A salvação cristã não é uma oferta entre outras ofertas salvíficas, mas se trata da única oferta que pode plenificar e preencher humana e espiritualmente o ser humano. A "esperança cristã não se apresenta apenas como uma alternativa em meio a muitas outras formas possíveis de esperança", mas pode ser "definida como uma experiência particularmente significativa em que as expectativas humanas e a promessa de Deus encontram-se e confrontam-se" (Piazza, 2004, p. 19). As promessas de Deus não estão em desarmonia com as esperanças humanas. A esperança cristã é uma certeza atemática da graça de Deus atuante do ser humano, ou seja, não se trata de uma certeza intelectual, objetivada e nem expressa racionalmente, mas experimentada e vivida no aqui e agora da existência humana, através da graça de Deus oferecida em Cristo. Trata-se de uma certeza vivencial que se expressa na experiência da graça e do perdão de Deus. O ser humano não conquista a justificação por sua fé, mas a recebe como graça na fé. Também, o ser humano não conquistará a salvação por sua esperança, mas a receberá como dom e

graça. O cristão não vive simplesmente pautado na sua esperança, mas na esperança da graça. Ele experimenta o dom de Deus como realidade já em ação, pela mediação da fé, e espera a salvação que ainda não se realizou de forma escatológica. "A esperança teologal é o já da vida nova em Cristo na direção da plena e integral conformação a ele" (Cozzoli, 1991, p. 260). A incorporação a Cristo, nutrida pela esperança teologal, é um dom vivificante do Espírito Santo.

2.4 Dimensão escatológica

Na escatologia clássica, a esperança era concebida como uma realidade futurista. A esperança consistia na espera da efetivação das realidades últimas da fé cristã (céu, inferno, purgatório, juízo final etc). Tratava-se de uma visão da esperança que consistia numa evasão do mundo. "Na escatologia tradicional, o caminho da esperança é o caminho da rejeição e da fuga, a rejeição do mundo e a fuga para um reino e um céu separados" (Morais, 1971, p. 101). Neste sentido, a esperança era uma fuga da vida real, uma incapacidade de aceitar a realidade e a projeção de um mundo de fantasia, pois se tratava de um futuro projetado e conhecido antecipadamente em um primado do além sobre o aquém. O presente não era visto em continuidade e sintonia com o futuro escatológico. A esperança cristã "separava de sua vida diária a esperança do futuro e transferia o futuro para o além ou para a eternidade" de modo que "a esperança aos poucos abandonou a Igreja" (Moltmann, 2005, p. 30). A esperança foi varrida do presente histórico e transladada para o além.

A escatologia estava pautada numa esperança nas realidades últimas e numa negligência das realidades penúltimas. O conteúdo da esperança no futuro escatológico consistia numa realidade estática e geográfica. Tratava-se de um futuro preconcebido e cosmológico. A esperança escatológica gozava de uma primazia do futuro sobre o presente, do individual sobre o comunitário e do espiritual sobre o mundano. Consistia numa visão da esperança cristã que não estava orientada para um encontro dinâmico, comunitário e com Alguém, mas alguma coisa. Houve um esvaziamento da dimensão bíblica e cristológica da esperança escatológica. Assim, o ser humano estava descolado da realidade presente e com o olhar direcionado para a vida futura. Havia um desinteresse com a realidade histórica, mundana e uma valorização do além e do futuro escatológico.

A teologia do século XX recuperou a esperança como uma dimensão estruturante da fé cristã. No âmago da história e do presente, Deus depositou sementes de esperança escatológica. O cristianismo é a religião de um futuro absoluto, que já está latente aqui e agora no presente. A "redescoberta da centralidade da esperança dentro da mensagem cristã subtraiu a teologia do torpor de uma posição desequilibrada, pois exagerava na visão de um futuro distante do mundo e de suas vicissitudes cotidianas" (Piazza, 2004, p. 21).

A redescoberta teológica da esperança cristã possibilitou uma compreensão do futuro escatológico, não como uma realidade longínqua, mas próxima e atuante na história. Há uma passagem de um futuro totalmente transcendente, espiritual e distante, que não valorizava a história e os progressos humanos, para um futuro escatológico que considera o futuro histórico, as utopias e as expectativas humanas. Há uma recomposição da relação entre a esperança última e as esperanças históricas. Além de acreditar nas esperanças humanas, é preciso crer na Esperança Última. A história não sufoca a esperança, porque é na história que a esperança acontece e se desenvolve. A esperança dá vida à história e a leva ao seu acabamento. "Só a esperança cristã está habilitada a transformar criativamente a realidade, pois só ela espera pela realidade na sua totalidade" (Higuet, 1995, p. 40).

A esperança cristã, quando vivida e compreendida corretamente, não consiste numa evasão para o mais além, mas conserva sua fidelidade ao mundo e à história. A esperança cristã não consiste simplesmente em aguardar o cumprimento dos eventos derradeiros que ocorrem depois da morte, mas se trata de situações existenciais, que desde o momento presente, anunciam a novidade do relacionamento definitivo do ser humano com Deus em Cristo. É preciso passar de uma compreensão da escatologia enquanto disciplina que diz respeito "às realidades futuras para identificar o escatológico com o definitivo que já está presente e que a vida individual e coletiva deve descobrir, reconhecer e manifestar" (Gonçalves, 1988, p. 22).

A esperança transcendente não espera que a vida pós-mortal seja a peregrinação de uma alma solitária por diversas camadas escatológicas, mas que seja um estado de profunda comunhão com Deus. O sujeito destinado a participar da esperança escatológica não é uma alma descorporalizada e nem desmundanizada, mas o ser humano com sua dimensão corpórea, mundana, histórica, social e cósmica.

As teologias das práxis do século XX (teologia política, da esperança e da libertação) enfatizaram a dimensão escatológica do presente. A esperança cristã não pode ser uma esperança que valoriza o futuro absoluto e ignora o presente histórico. Enquanto a esperança não penetrar e modificar o presente, ela será inútil e ineficaz. "Se o futuro é um elemento intrínseco na autocompreensão do homem, não poderá haver verdadeira escatologia do futuro sem uma certa escatologia do presente" (Zilles, 1972, p. 33). A esperança cristã compreende que o presente tem uma dimensão escatológica. O esperado para o futuro escatológico já está sendo gestado e construído no presente histórico. O presente está grávido de futuridade. O presente está orientado para o futuro definitivo. O último já está operando no penúltimo. O futuro é uma "dimensão constitutiva do presente. O presente é a morada do futuro; o futuro é o sentido do presente. Quando se perde a esperança, o futuro, a vida se torna absurda" (Kasper, 1980, p. 15). Uma vida sem esperança é uma vida sem sentido. A crença numa esperança, num futuro absoluto não pode despojar a esperança do presente. A esperança cristã não pode ser nem futurista e nem presentista, mas deve abrigar a dialética da relação entre o presente e o futuro.

A escatologia cristã não é exclusivamente transcendente, mas indivisivelmente imanente e transcendente. Porém, "muitas vezes o cristianismo incorreu no erro de pretender prestigiar a transcendência desprestigiando a imanência, sem perceber que esta é o único veículo disponível para chegar àquela" (Ruiz de la Peña, 1989, p. 174). Uma esperança puramente transcendente pode precipitar num espiritualismo e uma esperança puramente imanente pode cair num encarnacionismo. Assim, é preciso conservar a dialética dos aspectos imanente e transcendente da esperança cristã.

O ser humano não espera somente um encontro realizador no mais além, mas também, no mais aquém no qual Deus já está agindo. O futuro de Deus é força de esperança para o presente. Isso significa que a esperança escatológica está em sintonia com as autênticas esperanças humanas. O futuro absoluto oferecido por Deus com dom para o ser humano, o mundo e a história não excluem as esperanças terrenas, mas as supera. "A esperança cristã longe de opor-se às esperanças do homem no mundo ou de destruí-las, as integra e orienta no sentido de seu movimento para o novo e o último" (Alfaro, 1972, p. 185). O desejo de plenitude, de felicidade e de realização presente na esperança humana já é uma antecipação da esperança escatológica. A esperança absoluta será

uma consumação das verdadeiras esperanças pessoais, comunitárias e mundanas. As esperanças humanas são provisórias e circunscritas pelo espaço e pelo tempo, mas detentoras de uma antecipação das esperanças definitivas. A esperança escatológica "não pode se distanciar das esperanças orientadas para metas inferiores e alcançáveis, para as mudanças visíveis na vida humana, a ponto de tudo reservar a um outro reino que é seu futuro supraterreno e puramente espiritual" (Moltmann, 2005, p. 50).

As esperanças imanentes não preenchem plenamente os anseios do ser humano, do mundo e nem da história, mas elas sinalizam para o que está sendo desejado para o futuro absoluto. A comunhão estabelecida com Deus na vida terrena, no plano pessoal, comunitário e mundano, é uma antevisão da comunhão que acontecerá na vida definitiva. Assim, o esperado para a vida definitiva não será uma realidade totalmente nova e inédita, mas gozará de uma certa continuidade com o presente histórico. Os progressos humanos, sociais e políticos na vida terrena são uma antecipação do conteúdo da vida esperada no futuro definitivo. A esperança transcendente espera que o futuro seja, de certo modo, a realização das utopias pessoais e coletivas. Há uma relação de proximidade entre utopia terrena e esperança futura. "A utopia é a face secular da esperança e a esperança é a face teológica da utopia. Com efeito, no espaço secular da história, a utopia move as pessoas a agir na linha da transformação. Em regiões de corte cristão, a esperança exerce a mesma função" (Libanio, 1989, p. 181).

A esperança cristã não será simplesmente um encontro com uma pluralidade de eventos últimos (céu, inferno, purgatório etc), mas uma experiência de plenificação na comunhão com o Pai pela mediação do Filho e na aliança com o Espírito Santo. A "esperança cristã tem uma fisionomia escatológica" de modo que "ela sai das indefinições próprias das realidades finais e mostra-se por meio do valor de um acontecimento último: Jesus Cristo morto e ressuscitado" (Piazza, 2004, p. 96).

À luz da esperança cristã, há uma relação profunda entre cristologia e escatologia: a escatologia é uma cristologia consumada. A esperança cristã espera que o futuro absoluto seja um encontro dinâmico e celebrativo com Alguém e não com alguma coisa. Deus é o horizonte da vida definitiva. A relação com o Deus que me amou na vida terrena será intensificada e aprofundada na vida escatológica. Por isso, a esperança cristã não espera que o conteúdo do futuro absoluto seja um encontro com uma realidade anônima e impessoal, mas com um Deus pessoal e

amoroso que me chamará pelo nome. A esperança cristã não espera um encontro puramente contemplativo e passivo, mas celebrativo, ativo e dinâmico.

Assim, a esperança cristã não compreende o futuro escatológico como uma espécie de aposentadoria ou descanso, mas uma realidade vibrante e dialogal. Isto porque ela não é uma esperança puramente passiva que aguarda sossegadamente a realização do futuro absoluto. Não se trata de uma esperança que tem uma visão simplesmente contemplativa do ser humano como se a esperança escatológica fosse um objeto acessível somente à observação humana e à participação passiva do mundo e da história. O sujeito a quem se destina a participação na vida definitiva não é um ser humano estático, imóvel e nem a um mundo puramente físico. Mas a esperança transcendente tem um conteúdo ativo e envolvente. O futuro escatológico será um encontro entre duas identidades e liberdades que se conhecem e se amam. O ser humano não será recebido como um sujeito disforme e anônimo, mas Deus o chamará pelo nome. A dimensão operativa e ativa da esperança cristã já começa a se efetivar na vida presente. A esperança cristã deve ser operante na direção do esperado. Trata-se de um esperar operativo e laborativo. "Nessa perspectiva de espera ativa, a esperança cristã, agindo à maneira de um fermento que foi acrescentado às esperanças humanas, grita com força ainda maior: 'Maranatá, vem, Senhor'" (Piazza, 2004, p. 149). O desejado para além já está sendo experimentado no aquém. Porém, o futuro escatológico não será simplesmente um prolongamento do futuro histórico, mas estará em continuidade com ele. A espera ativa e operativa compreende que o futuro esperado para a vida definitiva já sendo desenhado no mundo e na história. Porém, o futuro escatológico não é realidade previamente conhecida, mas possui um caráter de mistério inabarcável e de realidade inesperada. "A esperança nunca pode ser o prolongamento calculável de uma tendência objetiva" (Kasper, 1980, p. 27). A esperança transcendente não pode ser objetivada e nem decifrada antecipadamente. O futuro escatológico terá um aspecto novo, mas não ignorará as conquistas e os progressos históricos. O futuro escatológico não é uma extensão do presente, mas tem uma dimensão de advento.

2.5 Deus como horizonte da esperança cristã

Quando a Escritura trata de futuro, não o compreende como uma realidade que pode ser conhecida por um prognóstico e nem por meio de

vaticínio de um vidente, mas compreende o futuro que Deus proporciona ao seu povo, que na realidade é ele mesmo. O futuro é Deus para nós e conosco. O futuro bíblico não se refere a uma extrapolação do presente, mas consiste numa antecipação da presença e da chegada de Deus. Trata-se do próprio Deus que chega a nós. O futuro já é o próprio Deus agindo e interagindo com o seu povo. O Deus da Escritura é o Deus da esperança. Deus é o horizonte do nosso futuro. O ser humano e o mundo esperam em Deus. Deus é o futuro do ser humano e do mundo. "Deus pode ser o futuro absoluto do mundo, do homem e da história só porque também é sua origem absoluta, porque é o criador do céu e da terra" (Kasper, 1980, p. 23). Deus está no princípio e no fim da esperança cristã.

O conteúdo da promessa de salvação para o ser humano, o mundo e a história é Deus mesmo como futuro absoluto. O Deus que se inseriu no meio do barro humano e no interior da história, através da encarnação do Verbo eterno, abriu as portas do futuro para o ser humano e o mundo. A revelação de Deus na libertação do povo escravizado no Egito, na criação e nos vários momentos da história de Israel mostra que ele é o Deus da esperança. A revelação de Deus em Jesus Cristo possibilitou à esperança humana ganhar concretude e realização. Deus não é somente o que há de vir, mas aquele que veio e que virá. O Deus que atua no presente histórico é também o esperado no futuro absoluto. "Deus é o Futuro absoluto porque virá como Deus, como o totalmente Outro; é o Futuro inefável, que supera todo pensamento e palavra do homem" (Alfaro, 1972, p. 188). O ser humano está orientado para o Futuro absoluto, que é Deus, ainda que ele não tenha consciência. Trata-se de uma orientação atemática e irreflexa. O ser humano se move entre as esperanças finitas, porém com o olhar voltado para a Esperança Infinita.

Deus é o absolutamente novo e último. A experiência do encontro absoluto com Deus, na vida escatológica, não será uma ocasião para tomar posse de sua intimidade de modo que ocorreria uma revelação plena de quem é Deus. O futuro absoluto, que tem Deus como conteúdo, não será um encontro em que Ele se dará a conhecer de modo total. Deus é um mistério permanente e inesgotável. Deus sempre permanecerá para o ser humano como um mistério inabarcável. A visão de Deus no futuro absoluto não será um encontro passivo, contemplativo e nem de desnudamento do mistério de Deus. O ser humano não possuirá Deus, mas será possuído por Ele. No futuro absoluto, o mistério do ser humano se encontrará com o mistério de Deus. A esperança cristã espera que o encontro com Deus seja uma experiência de comunhão e de convivência com o seu mistério

incompreensível. A plenitude final esperada para o futuro absoluto não será uma plenitude imóvel e engessada, mas celebrativa e vivencial. A esperança cristã espera que o futuro absoluto seja uma ocasião de acolhida e de encontro com a plenitude do mistério inesgotável de Deus. O ser humano "jamais poderá apoderar-se cognoscitivamente de Deus" porque Ele "é e permanecerá para nós o incompreensível, o inabarcável, o sempre novo" (Bins, 1971, p. 109).

> *Quem não conhece Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida. A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as desilusões, só pode ser Deus* (Bento XVI, 2007, p. 51).

Deus é a esperança que irriga a vida. Sem o Deus da esperança, a vida ficaria privada de uma bússola. Deus é a esperança que move a vida. Porém, o Deus da esperança não é uma divindade qualquer sem rosto e sem identidade, mas trata-se do Deus que tem uma fisionomia humana, assumida em Jesus Cristo, que ama o ser humano e a criação. A esperança cristã tem uma fisionomia divina. "Deus é o futuro da humanidade. Futuro que vai além de todas as capacidades e expectativas meramente humanas. Será uma realidade totalmente nova [...] Deus é o futuro da humanidade e também o futuro de cada indivíduo" (Bins, 1971, p. 106). Deus é futuro pleno e trans-histórico do ser humano, do mundo e da história. Toda a criação está orientada para o futuro de Deus, que é o próprio Deus.

Meditações conclusivas

A esperança é o "motor" que move a vida humana. Ela oxigena e alimenta o ser humano. Uma vida sem esperança é uma vida sem sentido e sem um horizonte. A esperança dinamiza e lubrifica a vida humana. Trata-se do vetor e da bússola que orienta a vida humana. A esperança potencializa e abre a vida para um horizonte novo. O ser humano sempre está à espera de algo ou de alguém. A esperança impede que a vida humana fique enclausurada em si mesma. A vida humana não é uma realidade hermética, mas aberta ao horizonte e ao definitivo. Uma vida sem esperança não merece ser vivida. As esperanças humanas preenchem provisoriamente o ser humano, uma vez sendo realizadas, surgem novas esperanças. No fundo, em toda esperança humana, está uma esperança pelo Absoluto.

A esperança antropológica está em sintonia com a esperança cristã. As esperanças humanas estão orientadas e, de certa forma, antecipam a esperança cristã. Toda esperança autenticamente humana, no fundo, é uma esperança cristã, porque consiste numa esperança definitiva e absoluta.

A esperança cristã tem um fundamento cristológico e escatológico. O crente espera em Cristo e na vida nova que ele oferece. Cristo é o que Deus espera do ser humano e o que o ser humano espera de Deus. A vida plena em Cristo é a aspiração que movimenta a esperança cristã. Ser-com Cristo de forma definitiva é o horizonte que move a esperança cristã. O crente procura uma esperança definitiva. A esperança cristã é a realização do desejo de uma esperança que plenifica e realiza o crente. Trata-se de um desejo de plenitude e de consumação escatológica. A esperança cristã tem uma dimensão presente e futura. O esperado para a vida definitiva já está sendo gestado na vida presente que tem uma orientação escatológica e está grávido de futuridade.

A esperança cristã não tem uma dimensão puramente antropológica, mas também comunitária, cósmica e histórica. O futuro esperado pela fé cristã tem um conteúdo humano, histórico e cósmico. O cristão espera para si, com os outros, com o mundo e com a história. O ser humano é um nó de relações e todas as suas dimensões participarão do futuro absoluto. A Igreja, o mundo e a história também desejam consumação escatológica. Uma esperança autenticamente cristã tem um caráter criacional, ou seja, contempla e se dirige à toda realidade criada.

Referências

ALFARO, Juan. *Esperanza cristiana y liberación del hombre.* Barcelona: Herder, 1972.

ALFARO, Juan. As esperanças intramundanas e a esperança cristã. *In: Concilium*, v. 59, n. 9, p. 1120-1128, 1970.

BINS, Claudio L. Deus, a esperança da humanidade. *In: Perspectiva Teológica*, v. 3, n. 4, p. 103-115, 1971.

BOJORGE, Horacio. Fundamento veterotestamentario de la esperanza cristiana. *In: Perspectiva Teológica*, v. 3, n. 4, p. 67-80, 1971.

BRAKEMEIER, G. Ressurreição dos mortos e esperança em S. Paulo. *In: Perspectiva Teológica*, v. 3, n. 4, p. 81-90, 1971.

COMBLIN, José. *Viver na esperança.* São Paulus, 2010.

COZZOLI, Mauro. *Etica teologale:* fede, carità, speranza. Cinisello Balsamo: Paoline, 1991.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.* São Paulo: Paulinas: Loyola, 2007.

FLEIG, M; BINS, C. L. Reflexões sobre a esperança cristã. *In: Teocomunicação*, v. 4, n. 20, p. 93-101, 1974.

GONÇALVES, Nuno da Silva. Moltmann: esperança escatológica e empenho no mundo. *In: Broteria*, v. 126, n. 1, p. 21-27, 1988.

HIGUET, Etienne A. "Teologia da esperança": primeiro balanço crítico. *In: Estudos de Religião*, v. 10, n. 11, p. 27-52, 1995.

KASPER, Walter. *El futuro desde la fe.* Salamanca: Sigueme, 1980.

LIBANIO, João Batista. Utopia e esperança cristã. *In: Perspectiva Teológica*, v. 21, n. 54, p. 179-197, 1989.

MACDOWELL, João Augusto. Fundamento teológico da esperança no pensamento existencialista contemporâneo. *In: Perspectiva Teológica*, v. 3, n. 4, p. 41-54, 1971.

MIES, Françoise. Speranza. *In:* PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco (org.). *Temi teologici della bibbia.* Cinisello Balsamo: San Paolo, 2010. p. 1327-1333.

MOLTMANN, Jürgen. *Esperanza y planificación del futuro*. Salamanca: Sigueme, 1971.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança.* São Paulo: Loyola: Teológica, 2005.

MORAIS, Moisés Cavalheiro de. Redescoberta da perspectiva escatológica na teologia contemporânea. *In: Perspectiva Teológica*, v. 3, n. 4, p. 91-102, 1971.

PAPA BENTO XVI. *Spe Salvi.* Cidade do Vaticano: Editora Vaticana, 2007.

PIAZZA, Orazio Francesco. *A esperança:* lógica do impossível. São Paulo: Paulinas, 2004.

POLITI, Sebastián. *História e esperança.* São Paulo: Paulinas, 1995.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. Lo propio e irrenunciable de la esperanza cristiana. *In: Selecciones de Teología*, v. 28, n. 111, p. 172-176, 1989.

VITALI, Dario. *Esistenza cristiana:* fede, speranza e carità. Brescia: Queriniana, 2001.

ZILLES, Urbano. Esperança cristã, sinônimo de ilusão? *In: Teocomunicação*, v. 2, n. 12, p. 29-42, 1972.